

SERMÃO DO MONTE

Parte 14 – Vale a pena orar (Mt 7.7-11)

Nossa relação com a comida envolve necessidade, prazer e carinho. *Precisamos* nos alimentar, porque sem os devidos nutrientes nosso corpo pereceria; *gostamos* de comer, pois temos a capacidade de apreciar os sabores, temperos e apresentação de pratos, sejam caseiros ou sofisticados; e *emocionalmente* a comida nos remete à família e à infância, pois nossos pais manifestavam seu cuidado por nós (entre outras coisas) nos alimentando.

[Vocês têm algum prato favorito, que faz reviver a infância? Qual é? E é gostoso mesmo, ou é só a lembrança que é boa?]

Esta passagem não é a primeira instrução sobre a oração no Sermão do Monte. Já vimos suas advertências contra as orações hipócritas dos fariseus e as orações mecânicas dos pagãos, bem assim como seu próprio modelo de oração (Mt 6.1-13). Agora, entretanto, ele pretende nos incentivar a orar, ordenando que oremos e prometendo que nossa oração será ouvida.

Tanto o comando quanto a promessa são dados de forma tríplice: *peçam e receberão; busquem e acharão, batam e a porta abrirá* (v.7). Note que são três verbos estão no imperativo – Jesus está nos ordenando repetidamente a orar, e própria repetição indica também a persistência com a qual devemos elevar nossos pedidos ao trono da graça.

Tentando garantir que o conceito seria devidamente assimilado pelos discípulos, Jesus os leva a imaginar uma situação com a qual todos os seus ouvintes certamente estavam familiarizados: um filho pedindo comida a seu pai (v.9-11).

É verdade que há pedras com o formato de um pão, e que pequenas cobras podem se enrodilhar de tal forma que uma criança pequena até poderia se confundir. Contudo, dificilmente um adulto se enganaria com isso. Assim, quando o Mestre pergunta que pai entregaria coisas incomedíveis ou até perigosas a seus filhos famintos, a resposta óbvia de todos os presentes seria: Ninguém faria isso!!

É claro também que há casos extremos de pais maus – como Alexandre Nardoni, que se comportou como inimigo de sua filhinha. Mas Jesus está usando como recurso didático as coisas como normalmente são, especialmente quando transcorrem conforme a natureza da criação: “Até vocês, sendo maus, sabem dar coisas boas a seus filhos” (v.11).

A maldade a que Jesus se refere aqui não é a dos psicopatas. Ele, que conhece muito bem a natureza humana (Mt 15.19; Jo 2.24,25), está falando da maldade oculta do pecado, que mancha as ações, pensamentos e interações de todos – inclusive dos pais.

A verdade é que, apesar de pecadores, pais são naturalmente zelosos pelo bem-estar de seus filhos! E a importância de lembrar que pais pecadores amam os seus filhos e lhes dão boas dádivas é destacar o contraste com o Pai celestial (v.11), que não tem pecado, não é mau e nem é egoísta. A lógica é: *se até pecadores atendem aos pedidos e necessidades de suas crianças com coisas boas, como duvidar de que Deus atenderá os seus filhos?*

Que grande incentivo à oração recebemos se meditarmos em que, por meio de Jesus, somos feitos filhos de Deus e podemos lhe chamar de Pai Nosso, de Pai Celestial (v.11; Mt 6.9; Jo

16.23,26,27). Afinal, o fato de ele já ter nos concedido a vida de seu Filho Eterno é garantia de que ele não nós negará coisa alguma (Rm 8.32)!

Mas a oração não é um instrumento incondicional para recebemos *tudo* que pedimos a Deus:

- 1) Ele não atendeu ao pedido de Jesus para ser livrado de sua ira, pois queria glorificá-lo como Salvador (Mt 26.38);
- 2) Ele não aliviou Paulo de seu tormento, pois queria aperfeiçoá-lo na humildade (2Co 12.7-9);
- 3) Ele não concede certos pedidos carnis, pois quer nos fazer menos apegados aos prazeres deste mundo (Tg 4.3).

Estes exemplos nos mostram que o Pai celestial sabe melhor do que nós o que é *bom* para nós, por isso devemos pedir para a sua vontade ser realizada, mais do que a nossa (Mt 6.10). Isso torna inútil a oração, já que Deus sempre fará sua própria vontade? Não, pois Jesus está nos ensinando que é por meio da oração que nós recebemos o que o Pai planeja nos dar, encontramos o que o Pai quer nos mostrar, e temos acesso às portas que o Pai quer nos abrir.

Aplicação

Você já teve a experiência de receber aquilo que pediu em oração? Compartilhe como foi. Isso deixou você mais confiante no poder da oração ou não?

Você já teve a experiência de não receber aquilo que pediu em oração? Compartilhe como foi. Isso deixou você desanimado para orar ou mais confiante na vontade do Pai celestial?

Pr. Alceu Lourenço